

Raul Seixas: Um produtor de mestiçagens musicais.

Cibele Simões Ferreira Kerr Jorge

Raul Seixas e o Processo Criativo

Autor de mais de duzentas músicas, o cantor e compositor brasileiro Raul Seixas desenvolveu intenso processo criativo durante os 27 anos de sua carreira, empreendeu estudos em filosofia, misticismo e comportamento humano que constituíram a base filosófica de seu trabalho. A produção e a recepção de seus discos contavam com variados instrumentos de mediação, interessantes de serem pensados do ponto de vista da comunicação.

Tomando como ponto de partida seu interesse por determinado assunto, Raul passava aos estudos literários e daí à produção das canções. Cada LP é, portanto, uma obra conceitual onde a mensagem tem prioridade sobre quaisquer outros aspectos. Primeiro lhe surgiam as ideias para as letras das músicas e em seguida as melodias, enquanto isso, ia tomando forma o universo imagético que seria representado pelos variados seguimentos: figurinos de palco e videoclipe, projetos gráficos dos discos e criação de personagens.

Acompanhando os temas de suas produções Raul criou uma gama de personagens, figuras proféticas como o sábio ancião de “Há dez Mil Anos Atrás”, o mago de “A Pedra do Gênesis” e o profeta de “As Profecias” e personificou a imagem do roqueiro enérgico e rebelde em músicas como “Rockixe”, “Eu Sou Egoísta”, “No Fundo do Quintal da Escola”, e nos LPs *Uah-Bap-Luh-Bap-Lah-Béin-Bum!* e *A Panela do Diabo*, equilibrando o tom ousado do “guru” e do roqueiro. Também foi autor de personificações singelas como as de “Maluco Beleza”, “Réquiem para Uma Flor” e “Água Viva”, e de figuras românticas como os sujeitos apaixonados de “Ângela”, “Mas I Love You” e “Mata Virgem”, e por, fim daquele personagem que se pretendia incômodo : o contestador de “Mosca Na Sopa” e de “As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor”.

Seus personagens, portadores tanto de questionamentos de fundo filosófico, místico e anárquico como de novas propostas ganharam a simpatia do público pela abordagem humorística em linguagem popular a exemplo do

cowboy de “Cowboy Fora da Lei”, do carimbador de “O Carimbador Maluco”(“Plunct, Plact, Zuum”) ou do “maluco” de “Maluco Beleza”.

Transitando entre a cultura popular brasileira e a cultura universal, Raul assumiu o papel social de tradutor de obras tradicionais para a linguagem de fácil compreensão. “Traduzo nossa cultura, nossa história, de uma forma que todo mundo possa ouvir, compreender” (Seixas, 1996:54).

De acordo com Lotman (1996) do ponto de vista da Semiótica a cultura é uma inteligência coletiva e uma memória também coletiva, e nesse sentido o espaço da cultura pode ser definido como o espaço de certa memória comum. Cabe ao artista o papel de tradutor de textos culturais coletivos para os textos artísticos ao criar algo novo à partir do que conhece, para que seja assimilado pela cultura, o esforço criativo, portanto, ao mesmo tempo que transcende ao senso comum para propor uma inovação também se alimenta dele e para ele retorna.

Para Raul sua música funcionava como veículo de transmissão de ideias, de modo que a função do disco era veicular conceitos filosóficos traduzidos em linguagem acessível ao maior número de pessoas possível. Queria ter sido escritor, mas descobriu que a música era um meio mais eficaz de comunicação. “A música e a literatura se misturaram; poderia ter sido escritor, mas canalizei para o rock. Troquei a filosofia pela música porque um microfone é mais importante do que qualquer outra coisa” (Seixas, 1995:59).

Seu processo criativo era por característica multimidiático, ao trabalhar no desenvolvimento de cada detalhe da obra, como o eram os de artistas como John Lennon, Frank Zappa e o de Carlitos, no cinema tanto que no decorrer de sua vida Raul não conseguia se desvencilhar de seus questionamentos nem do estágio criativo latente ou produtor:

Eu estou sempre experimentando, inventando, não se pode é deixar parar, porque quando se para apodrece e fede. Tem-se que conservar o dinamismo e buscar. O quê? Não sei, não importa. Buscar. As portas estão sempre abertas para as pessoas; é questão de coragem aceitá-las abertas e entrar. Eu entrei, entro e viajo apenas começo agora a grande viagem: “Raul Seixas no País das Maravilhas”. (Essinger, 2005:70)

Ele trabalhou de modo investigativo e criativo com a incessante procura por elementos culturais, desde os mais estranhos aos mais comuns à nossa cultura, colocando-os em relação de forma mestiça e barroca. Severo

Sarduy em Barroco discorre sobre as incertezas e o desassossego que acompanham o homem barroco, distante dos conceitos classicizantes de equilíbrio, ordem, simetria e harmonia, o barroco está ligado ao desequilíbrio, ao excesso, a assimetria e ao conflito, e dessa não tendência à perfeição é que surgem suas melhores produções. As obras barrocas são ricas em acúmulos culturais e combinações mestiças, com tendência ao exagero. Uma definição de Sarduy, em Barroco, faz lembrar Raul Seixas procurando respostas, insone, detalhista, observador, genial e inquieto:

A viagem do homem barroco é entre a luz e a sombra. O seu cotidiano é um deserto de desassossego dominado pela desmedida importância de todos os pormenores, uma ponte para a transcendência. A dúvida, a inquietação, a emotividade extrema geram os grandes visionários do tempo barroco. (Sarduy, 1974:15).

Barroco para Sarduy não é um conceito atado a um tempo histórico, mas um conjunto de características. “[...] No centro da estética barroca está o desequilíbrio, a paixão. O homem “perdeu o pé” anda à deriva num oceano de incertezas, sem bússola e sem norte” (Sarduy, 1974:15). O barroco é sobrecarga e desmesura, quer o excesso e o residual. É nessa ordem/desordem da sobrecarga, da desmesura, do excesso e do residual que podemos ver um barroco atemporal em Raul. Suas músicas trazem o questionamento, a carnavalização, a subversão da ordem, o riso, o deboche, o caráter anárquico como negação da ordem estabelecida e das hierarquias de poder. “O barroco será a extravagância e o artifício, a perversão de qualquer ordem fundada, equilibrada: moral” (Sarduy, 1974:51).

Raul Seixas em seu complexo perfil artístico conseguiu representar a um só tempo a cultura popular brasileira com seus elementos baianos, sertanejos, urbanos, sacro-profanos e a rebeldia roqueira norte-americana, com seus movimentos corporais de quadris e ombros, trejeitos e vestes, sua figura era a própria tradução mestiça de elementos diversos em transformação.

Performance

Sua arte musical acompanhada de marcantes características visuais assumiu desde o início um viés performático, expressão que tomou forma tanto em seus videoclipes quanto nos shows.

Nos palcos, antes de cantar sua sátira à anistia política: “Abre-Te Sésamo”, gritava dezenas de vezes: “Abre-te” com a platéia em uníssono, movimentando o braço como um maquinista de trem, como se quisesse abrir o fechamento político com a força daquele gesto. Raul herdou a espontaneidade do repente nordestino e incorporou a atitude desafiadora do rock norte-americano, provido de perspicácia e capacidade de improviso, constantemente reinventava suas músicas e seu próprio personagem. De acordo com seu depoimento: “No show não me divirto tanto, erro a letra, sou o rei de inventar letras na hora. Não me preocupo com as marcações; deixo a força toda para o recado” (Seixas, 1996:22).

Em seus shows freqüentemente homenageava o rock dos anos 1950, com em média duas canções, dançava como seus ídolos do rock dessa época, fazia os movimentos de quadris de Elvis Presley, ajoelhava-se no chão, levantava, fazia poses a la James Dean e no final cantava “Sociedade Alternativa” desenrolando um pergaminho e recitando A Lei do mago inglês Aleister Crowley.

Referindo-se à época que tocava com sua banda em Salvador no início de sua carreira, diz ele:

Eu já tocava profissionalmente aos dez anos nos **Relâmpagos do Rock**. Eu tinha um amplificador que era um rádio de válvula do meu avô, adaptado por meu pai. O fio era curto e a gente tinha que ficar preso ao rádio. Isso em 54/55, ninguém sabia o que era rock. Eu tocava e me atirava no chão imitando o **Little Richard**, como eu via nos filmes que os americanos passavam. Sempre notava que as primeiras filas ficavam vazias e que as mães pensavam que eu era epilético, com meu topete de brilhantina e camisa aberta com gola levantada. (grifo deles). (Seixas, 1995:8):

Ele também se apresentava fantasiado em programas de televisão, como no programa do Chacrinha da TV Bandeirantes em 1981, vestido de branco, com uma peruca de cabelos longos e louros contrastando com sua barba, óculos escuros, e um casaquinho marrom, cantando sua sátira “Alugase” que propõe alugar o Brasil: “Os estrangeiros/ Eu sei que eles vão gostar/ Tem o Atlântico/ Tem vista pro mar/ A Amazônia é o jardim do quintal/ E o dólar deles paga o nosso mingau...” Em 1973 se apresentou no programa do Silvio Santos vestido com sua grande capa preta de mago, com desenhos da chave da *Sociedade Alternativa*, calçando longas botas brancas, e em sua

apresentação no Clube do Bolinha, em 1987, derruba o microfone, depois deita no chão e levanta as pernas para cima cantando “Cowboy Fora da Lei”.

Mestiçagem Musical

Raul trouxe ao cenário cultural brasileiro, para o conhecimento do grande público, elementos de outras culturas, como o *Bhagavad Gita*, as escrituras sagradas hindus que inspiraram seu maior sucesso “Gita”, o livro sagrado Chinês *Tao Te Ching* sobre o qual fez “O Conto do Sábio Chinês”, o poema espanhol *Eterna Fonte* de São João da Cruz, sua base para criar “Água Viva”, *O livro da Lei* do mago Crowley que lhe rendeu ideias para a “Sociedade Alternativa” e “A Lei”, e ainda, o ritmo norte-americano que estava surgindo nos anos 1980 em “Metrô Linha 743”. Também mergulhou na efervescência cultural brasileira de onde tirou inspiração para uma série de sucessos como o xote “Quero Mais”, a marchinha carnavalesca “Eterno Carnaval” e o samba “Aos Trancos e Barrancos”, apenas para citar alguns, e por fim, elaborou produções que incorporam tanto os textos culturais externos quanto brasileiros e latino-americanos em obras mestiças.

Em 1972 chegaria ao conhecimento público uma de suas obras mais mestiças, quando ao acompanhar Sérgio Sampaio na inscrição de “Eu Quero É Botar Meu Bloco Na Rua” para o VII Festival Internacional da Canção, promovido pela Rede Globo, Raul resolveu inscrever duas de suas canções: “Eu Sou Eu, Nicuri é o Diabo” e “Let Me Sing, Let Me Sing”, ambos foram aprovados e esta última marcou a síntese do rock com o baião, criando um rock nacional com raízes na música pop americana e no folclore brasileiro.

“Let Me Sing, Let Me Sing” inicia com o grito de guerra do rock criado por Little Richard: Uah-bap-lu-bap-lah-bein-bum! e segue com o ritmo de Elvis Presley: “Let me sing/ let me swing/ let me sing my rock’n roll/ let me sing/ let me sing/ let me sing my blues and go” (Deixe-me cantar/ deixe-me balançar/ deixe-me cantar meu rock’n roll/ deixe-me cantar/ deixe-me cantar/ deixe-me cantar meu blues e ir.) intercalado com o baião de Luiz Gonzaga e letra de Raul: “Não vim aqui tratar dos seus problemas/ O seu messias ainda não chegou/ Eu vim rever a moça de Ipanema/ E vim dizer que o sonho/ O sonho terminou” e segue com o refrão em rock e os trechos de baião: “Tenho 48 quilo certo, 48 quilo de baião/ Num vou cantar como a

cigarra canta/ Mas desse meu canto/ Eu não lhe abro mão [...] Num vim aqui querendo provar nada/ Num tenho nada pra dizer também/ Só vim curtir meu roquezinho antigo/ Que não tem perigo de assustar ninguém”.

A mescla tem uma explicação do próprio Raul: “O rock é o melhor ritmo pra gente dizer uma porção de coisas. Daí eu juntei Luiz Gonzaga e Elvis. Eu não fiz um ritmo ‘rock-baião’. Isso foi informação musical. Aconteceu” (Essinger, 2005, p.38).

Enquanto Elvis Presley era seu maior ídolo, grande expoente de uma cultura externa em outro idioma, Gonzaga representava a música de sua terra, a tradução da cultura popular do lugar onde ele cresceu. A música de Elvis, do Sul dos Estados Unidos tem muitos elementos trazidos do gospel e do country e o baião de Gonzaga, do norte brasileiro, por sua vez traz as entonações vocais do aboio do gado e a música sertaneja, e Raul enxergou relações claras entre ambos :

Luiz Gonzaga tocava o dia inteiro em Salvador, nas rádios, nas praças. Idem a loucura de Elvis Presley. Os dois, eu saquei, tinham o mesmo humor. Era idêntica a história de *Cintura Fina* com o *Blue Suede Shoes*. Havia o mesmo tom safado, irônico. Acho que o humor de nosso nordestino é muito parecido com o humor do americano do sul, onde nasceu o rock’n’roll. (Seixas, 1993:44).

Raul fez “*Blue Moon of Kentucky*”, sua versão para a composição homônima de Bill Monroe interpretada por Elvis Presley com mesmo ritmo, acompanhado por letra semelhante, com a diferença de que na do cantor brasileiro, ele foi quem deixou sua garota triste: Blue moon, blue moon, blue moon keeps shinning bright/ Blue moon keeps on shinning bright/ She's gonna bring me back my baby tonight/ Blue moon, keeps shinning bright/ I say blue moon of kentucky/ Does on keep on shinning/ Shines on above this girl/ I let so blue ...” (lua azul, lua azul, lua azul continue brilhando/ lua azul continue brilhando/ Ela vai me trazer de volta meu bebê essa noite/ lua azul, continue brilhando/ Eu disse lua azul de Kentucky/ Continue brilhando/ Brilhe sobre esta garota/ Que eu deixei tão triste).

Na última parte da canção ele interpreta o baião “Asa Branca” de Luiz Gonzaga: “Quando olhei a terra ardendo/ Qual fogueira de São João/ Eu perguntei, meu Deus do Céu, ai/ Por que tamanha judiação?” finalizando com a música de Elvis: “Blue moon, blue moon, blue moon ...” . Tanto nesta

música como em “Let Me Sing Let Me Sing” há a mestiçagem rítmica e cultural e a coexistência idiomática do inglês com o português.

Raul marca o início do rock brasileiro e parte para novas experimentações. “Até então, eu estava por detrás do disco. Precisava projetar minha música. Combinar o rock de Elvis com o baião, foi a fórmula certa para chamar a atenção. Mas foi apenas o começo” (Seixas,1992:81).

Desenvolveu mestiçagens musicais embasadas na filosofia e na cultura popular, repletas de experimentações sonoras. Em “Mosca na Sopa” intercala rock com música de religião afro-brasileira, onde coexiste a forte presença da guitarra em uma parte contrastando com o coro formado por mães-de-santo em outra, seguidos do zumbido da mosca. Nessa composição o personagem é um inseto perturbador que anuncia ter vindo para incomodar, um recado direcionado aos sistemas opressivos de poder. A peculiaridade é que a expressão “mosca na sopa” estampava a fronha de seu travesseiro de infância.

A mestiça composição de “Ê Meu Pai” traz Raul fazendo uma oração musicada com um baião acompanhado de triângulo, mesclado com música de religião afro-brasileira. A segunda parte da canção continua com sua voz rezando, enquanto as mães-de-santo cantam em coro: “Ê, meu pai/ Olha teu filho meu pai/ Ê, meu pai, olha teu filho meu pai / Ê, meu pai, ajuda o filho meu pai / Quando eu cair no chão/ Segura a minha mão/ Me ajuda a levantar para lutar...”

A diversidade de ritmica chega ao ápice em “É Fim de Mês”, que conforme as anotações de Raul na letra original, intercala: baião, rock, rumba, blues e candomblé, na formação melódica de uma música quase narrada, crítica ao exaustivo pagamento de uma série de contas todo fim de mês: “É fim de mês/ É fim de mês/ Eu já paguei a conta do meu telefone/ Eu já paguei por eu falar/ Eu já paguei por eu ouvir/ Eu já paguei a luz do gás, apartamento [...] Do fim de mês eu já sou freguês!/ Eu já paguei o meu pecado na capela/ Sob a luz de sete velas que eu comprei pro meu senhor...”

Seguindo seu apreço pela variação rítmica, Raul faz o tango “Canto Para Minha Morte” onde a figura feminina está representada pela morte: uma mulher vestida de cetim; com a força poética concentrada na última parte: “Ó morte, tu que és tão forte/ Que matas o gato, o rato e o homem/ Vista-se com a tua mais bela roupa quando vieres me buscar / Que meu corpo seja cremado/

E que minhas cinzas alimentem a erva/ E que a erva alimente outro homem
como eu/ Porque eu continuarei neste homem/ Nos meus filhos/ Na palavra
rude que eu disse para alguém/ Que não gostava/ E até no uísque que eu não
terminei de beber/ Aquela noite...”

Seu álbum “Sociedade da Grã-ordem Kavernista apresenta sessão das dez”, feito com os amigos Edy Star, Sergio Sampaio e Miriam Batucada, traz um bolero “Sessão das Dez”, cujo tom cômico, não apenas da letra como de sua entonação vocal, satiriza a banalidade de uma desilusão amorosa: “Foi numa sessão das dez/ Que você me apareceu/ Me ofereceu pipoca/ Eu aceitei e logo em troca/ Eu contigo me casei/ Curtiu com meu corpo por mais de dez anos [...] Foi tamanho o desengano que o cinema incendiou”. A respeito deste disco Raul fala “Acho que esse disco foi mais revolta do que qualquer outra coisa [...] Foi um disco delicioso de ser feito. Chamamos o porteiro pra cantar, pegávamos gente na rua pra entrar no coro, uma grande confusão...” (Seixas, 1993:43).

Há ainda “Aos trancos e Barrancos”, samba onde a própria sonoridade transmite a atmosfera de “malandragem” com a figura do “bom malandro” vivificada pela entonação vocal de Raul, abordando a acomodação social de forma tão poética quanto sarcástica: “[...] Rio de Janeiro você não me dá tempo de pensar com tantas cores sobre este sol/ Pra que pensar/ se eu tenho o que quero/ Tenho a nega, o meu bolero, a TV e o futebol...”.

Em diálogo com a contracultura, Raul fez a entrada musical de “Metamorfose Ambulante” semelhante ao arranjo que *Joe Coquer & Grease Band* apresentaram no festival Woodstock para a música “With a Little Help From my Friends” dos *Beatles*, com a peculiaridade de que ele já havia escrito na parede do seu quarto, aos quatorze anos de idade a frase: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante” que inspirou sua criação musical quatorze anos mais tarde, em 1973. Entre suas inspirações sobre o fascinante ato da transformação estavam obras como *Metamorfoses* de Ovídio e *A Metamorfose* de Franz Kafka. “Metamorfose Ambulante” é a proclamação da desobrigatoriedade de qualquer permanência, sua transformação implica não apenas na mudança de opinião como no rompimento com a rigidez do compromisso (desdizer o que se disse antes).

Em 1984, Raul empreendeu uma viagem aos Estados Unidos para pesquisar o que estava acontecendo na música, ao retornar trazia a ideia de fazer um trabalho diferente de tudo o que havia feito até então, realizar um LP todo em “preto e branco” inclusive o som:

Musicalmente, a concepção do que a gente vai ouvir é, igualmente, música preto e branco. Não vai haver o colorido condicionado dos clichês de violinos de metais e nem guitarras elétricas, nada além do simples violão acústico e a voz mais para *flat*. Eu vou juntar a concepção musical à concepção visual, nesse LP [...] O colorido aprisiona a imaginação. O preto e branco é mais forte, é livre porque dá asas a cada um de projetar sua imaginação; de criar o que você sente sem se prender ao óbvio das cores impostas pelo colorido do mundo. (Seixas, 1993:53)

A música “Metro Linha 743” lançada no ano seguinte pela Som Livre em LP homônimo, foi um dos primeiros *raps* do Brasil, o ritmo geralmente utilizado para denunciar a injustiça social serviu de base para a melodia criada por Raul para falar de perseguição. o mesmo disco foi censurada “Mamãe Eu Não Queria”, crítica ao sacrifício de servir o exército e morrer pela pátria, inspirada em “I don’t Wanna Be a Soldier Mama, I Just Don’t Wanna Die” (Eu não Quero Ser um Soldado Mãe, Eu não Quero Morrer) de John Lennon.

Relações temáticas

Como missão de carreira, Raul assumiu a tentativa de proporcionar a libertação das amarras psicossociais por meio da conscientização usando a música como veículo, desenvolveu uma obra libertária de cunho social, cuja aposta estava não no povo como massa, mas na ação individual. Incentivando seu ouvinte a restaurar a dignidade, a expressão “levantar a cabeça” aparece várias vezes em seu trabalho, como no trecho: “Que Gita ecoe no coração dos homens e os faça levantar novamente a cabeça” (Essinger, 2005:91). Também na música “Morungando” que integra o LP *O Rebu*, trilha da telenovela de mesmo nome, exibida pela rede Globo em 1974: “Levanta a cabeça mamãe/ Levanta a cabeça papai/ Levanta a cabeça Hipão/ E tira seus olhos do chão/ O chão é lugar de pisar/ Levanta a cabeça vovó/ Levanta a cabeça povão/ Levanta a cabeça vovô/ Pra turma do amor e da paz/ Levanta a cabeça rapaz/ Não tenho outra coisa a dizer/ Que eu sou mais eu que você” (Essinger, 2005:95).

Na mesma linha de trabalho, Raul fala sobre plantar a semente libertária e convida a levantar e agir, num de seus pensamentos escritos podemos ler:

Antes eu não sabia o que era, mas tinha certeza que não era aquilo. Hoje eu sei que é possível o Mundo Novo, porque estou sentindo que a semente libertária já foi plantada, sem imposição; o próprio processo histórico, o próprio sofrimento humano, as condições, a falsa ética, as mentiras convencionais, dogmas enganadores, guerras, desgraças e opressões, a própria arbitrariedade da sociedade foram pouco a pouco denunciando o caminho do universalismo, da paz e da harmonia. É tão fácil encontrar a paz. Os que são pela paz são a maioria! O problema é que ficam sentados esperando alguém resolver o problema. Os loucos que fazem a guerra são poucos e a eles se confere o poder!! Vamos levantar e acabar com isso agora? Eu estou pronto, e você? (Essinger, 2005:85).

No rock “Geração da Luz”, que Raul deixa como um legado, fica clara sua aposta na geração vindoura, acreditando na semente libertária que ajudou a plantar: “Eu já ultrapassei as barreiras do som/ Fiz o que pude às vezes fora do tom/ mas a semente que ajudei a plantar já nasceu/ Eu vou embora apostando em vocês/ Meu testamento deixo minha lucidez/ Vocês vão ter um mundo bem melhor que o meu [...] Vocês serão o posto dessa estupidez/ aventurando tentar outra vez/ A geração da luz é esperança no ar”.

Seguindo o viés da auto-libertação, um tema correlato é a persistência sobre a qual “Tente Outra Vez” é uma ode: “Veja/ Não diga que a canção está perdida/ Tenha em fé em Deus, tenha fé na vida/ Tente outra vez/ Beba/ Pois a água viva ainda está na fonte/ Você tem dois pés para cruzar a ponte/ Nada acabou, não, não, não, não/ Tente/ Levante sua mão sedenta e recomece a andar/ Não pense que a cabeça aguenta se você parar/ Há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira/Bailando no ar/ Queira/ Basta ser sincero e desejar profundo/ Você será capaz de sacudir o mundo, vai/ Tente outra vez/Tente/ E não diga que a vitória está perdida/ Se é de batalhas que se vive a vida/ Tente outra vez.” Na mesma linha está “Não Pare na Pista”.

Da diversidade de temas abordados por Raul, a crítica social foi a linha condutora do trabalho de conscientização social que desenvolveu. Em diálogo com o entorno, dois de seus maiores sucessos captaram momentos marcantes da história brasileira: “Ouro de Tolo” e “O Carimbador Maluco”.

Em 1973 Raul saiu às ruas do centro do Rio de Janeiro, com seu violão, cantando “Ouro de Tolo”, lançando-a em meio ao povo. “Não adianta

dizer as coisas para grupos pequenos, fechados. Minha música entra em todas as estruturas” (SEIXAS, 1996, p.59). Autobiográfica, em ritmo narrado, a música narra a trajetória de um sujeito que embora tenha conseguido bom emprego e sucesso após passar fome na “cidade maravilhosa” se sente entediado e com coisas grandes para conquistar. Traduzindo o sentimento experimentado pelos brasileiros com a estabilidade econômica proporcionada pelo governo, seguida da desconfiança de que havia algo no rumo da liberdade e da realização pessoal a ser buscado, a música tem início com a frase “Eu devia estar contente” e o público prontamente se identificou. “Ouro de Tolo” o lançou como artista de prestígio nacional e o compacto lançado pela Polyfar precisou ser prensado duas vezes na mesma semana pelo excesso de vendas.

Lançada em 1983, em meio aos apelos públicos em favor das eleições diretas, “Diretas já!”, “O Carimbador Maluco” ganhou a simpatia de adultos e crianças ao colocar em contraste autoritarismo e liberdade, com vitória para a última.

Seu maior sucesso infantil foi inspirado no texto *Ser Governado* do anarquista Joseph Proudhon. A música narra o aborrecimento burocrático enfrentado por uma nave pilotada por crianças, barrada por uma autoridade que exige: “Tem que ser selado, registrado, avaliado, rotulado, se quiser voar/ pra lua a taxa é alta/ pro sol, identidade/ mas já pro seu foguete viajar pelo universo/ é preciso meu carimbo dando sim, sim, sim, sim/ Plunct Plact Zuum não vai à lugar nenhum!” a tensão é quebrada quando surpreendentemente a nave é liberada para voar: “Mas ora vejam só já estou gostando de vocês/ aventura como essa eu nunca experimentei/ o que eu queria mesmo era ir com vocês/ mas já que eu não posso: boa viagem, até outra vez...” .

Raul não apenas traduz uma série de momentos históricos em linguagem popular, como dá a eles o tom humorístico que cativou enorme público no Brasil. Em “Abre-te Sésamo”, lançada em LP homônimo em 1980, satiriza a anistia política e em “Aluga-se”, do mesmo disco, humoradamente propõe o aluguel do Brasil como solução para sanar dívida externa da época. Usa o deboche como elemento desestruturador de uma pretensa ordem. Sua obra carnalizada propõe a subversão da ordem, o desenvolvimento da auto-

realização com base nos valores humanos e o desmantelamento da autoridade pelo riso.

Segundo Bakhtin em sua análise sobre a cultura popular medieval: “A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’” (2008, p.10). Raul vai utilizar essa forma de paródia como expressão de um descontentamento ante a ordem social imposta, sua paródia não é a negação pura e simples, senão a brincadeira e a sátira convidativa à reflexão, uma provocação ao espectador/ouvinte, para isso trabalha tanto na criação de personagens heróicos e desafiadores quanto na de figuras ridículas subservientes ao sistema criticado.

Temas como a libertação, a persistência, as críticas sociais e a sátira constituem grande parte de sua obra. Outra de suas linhas temáticas é o amor, que sob sua ótica recebeu as mais diversas abordagens, passando pela romântica, pelo desejo e chegando até o deboche. O amor aparece inocente nas primeiras músicas como “Vera Verinha”, “Menina de Amaralina”, ainda sob inspiração dos Beatles, e puro na melodia suave de “Mata Virgem”: “Você é um pé de planta/ Que só dá no interior/ No interior da mata/ Coração do meu amor ...”.

O disco *Krig Há- Bandolo!* lançado pela Philips em 1973, considerado pela crítica seu melhor álbum, abriga três canções sobre o tema: “A Hora do Trem Passar”, “As Minas do Rei Salomão” e “Cachorro Urubu”. A primeira traz o amor romântico em meio aos desencontros: “[...] Onde eu passo agora não consigo te encontrar/ Ou você já esteve aqui ou nunca vai estar/ Tudo já passou, o trem passou, o barco vai/ Isso é tão estranho que eu nem sei como explicar...”. Em “As Minas do rei Salomão” (em parceria com Paulo Coelho) o tema também tem abordagem romântica: “Entra e vem correndo para mim/ Meu princípio já chegou ao fim/ E o que me resta agora é o seu amor...” e por último, “Cachorro Urubu” (em parceria com Paulo Coelho) faz a referência ao movimento jovem de maio de 1968, na França: “Todo jornal que eu leio/ Me diz que a gente já era/ Que já não é mais primavera/ Ô baby, a gente ainda nem começou/ Baby, o que houve na França/ Vai mudar nossa dança/ Sempre a mesma batalha/ Por um cigarro de palha...”.

“Coisas do Coração” (composta com Kika Seixas e Cláudio Roberto) fala do amor recíproco: “[...] Eu vou poder pegar em sua mão/ Falar de coisas que eu não disse ainda não/ Coisas do coração!/ Coisas do coração!/ Quando a gente se tornar rima perfeita/ E assim virarmos de repente uma palavra só/ Igual a um nó que nunca se desfaz/ Famintos um do outro como canibais...”.

Sua série sobre o tema comporta declarações românticas como “Ângela” (composta com Cláudio Roberto) e a original “Tu és o MDC da Minha Vida” (composta com Paulo Coelho) ou ainda o amor abnegado de “Mas I Love You”: “O que é que cê quer/ Que eu largo isso aqui/ É só me pedir/ Eu largo o que sou/ Vou ser zelador de um prédio qualquer [...] mas diga o que cê quer/ Se acaso não quiser/ Feliz eu serei seu nada/ Mas um nada de amor”.

Inspiradas no misticismo de Crowley Raul compôs dois de seus maiores sucessos sobre o amor: “A Maçã”, “Medo da Chuva” e a composição em inglês “Love is Magick”. A primeira se refere ao ritual de libertação das amarras do ciúmes proposto pelo mago, a segunda contesta o fato de estar comprometido com a um só indivíduo dialogando com contestações sobre o tema de Max Stirner e a terceira fala do amor na magia de Crowley, grafada com “K” no final da palavra para diferenciar das demais.

O álbum *Raul Seixas* gravado em 1983 pelo estúdio Eldorado trouxe o animado xote “Quero Mais” composto por Raul Seixas, Kika Seixas e Cláudio Roberto, interpretado por Raul e Wanderléa: “Ai, ai ai, eu quero é muito mais/ Eu quero mais muito mais dessa brincadeira/ Se enrolando na esteira/ Coisa boa de brincar/ Eu sou que nem um vira-lata vagabundo/ Que o maior prazer do mundo é ter você pra farejar...”.

Há ainda o amor apimentado de “Pagando Brabo”: “Eu quero é ver você mexer às quatro e meia da manhã/ Com a cara linda de dormir/ Se espreguiçando no divã [...] Eu e tu fazendo yoga no chuveiro [...] Eu quero é ver você pedir/ Querendo mais quando acabar/ Eu quero é ver você sentir/ Vontade de me machucar”. Finalizando o ciclo sobre o amor na obra de Raul citaremos suas composições de maior comicidade sobre o tema: “Fazendo o que o Diabo Gosta”: “Casamos num motel/ Bem longe do altar [...] Não fui o seu primeiro/ Você já tinha estrada/ Dois filhos, um travesseiro e a empregada/ Um anjo embriagado/ Num disco voador/ Jurou que o nosso amor

era pecado/ Mas a história mostra que a gente agrada Deus/ Fazendo o que o diabo gosta”.

Por fim, temos a debochada “Babilina”, sua versão para “Be Bop a Lena” de Gene Vincent: “Babilina, Babilina/ saia do bordel [...] Eu quero exclusividade do teu amor/ Cutis cubidu-bilina por favor!/ Eu tava seco a muito tempo quando eu lhe conheci/ Provei do seu chamego e nunca mais me esqueci/ A noite cê trabalha diz que é pra me sustentar [...] Quando cê chega com a bolsa entupida de tutu/ Imagino quanta gente se deu bem no meu baú/ Você me garante que não sente nada não/ E que só comigo você tem satisfação [...] She is my girl, and I Love her so/ I sad Cutis-cubidu-bilina go girl go!”(Ela é minha garota, e eu a amo então/Eu disse Cutis-cubidu-bilina vai garota vai!) .Temos assim, o amor, o desejo e a comicidade, dentro da concepção barroca que viemos estabelecendo no trabalho.

A *Sociedade Alternativa* foi sua obra máxima e talvez a que comporta o mais alto nível de complexidade, abordando Anarquia, Magia e Astrologia, dialoga ainda com *A Utopia* de Thomas More, com a *New Utopian* de John Lennon, com o Anarquismo de Proudhon, com o Anarco-individualismo de Max Stirner, com o livro da *Lei* do mago inglês Aleister Crowley, com os estudos astrológicos sobre a nova era e com os movimentos alternativos da contracultura dos anos sessenta.

A *Sociedade Alternativa* não é apenas o maior de seus temas, mas também o projeto de vida que deixou como legado, onde estão compreendidas várias de suas temática como o amor, o respeito ao ser humano, a crítica às hierarquias de poder e aos sistemas sustentados por elas, constitui, portanto, sua obra-prima onde todo o trabalho da auto-libertação por meio da conscientização e da persistência se faz valer.

Raul esclarece sobre seu projeto como uma revolução cultural:

Mas agora vou lutar com minhas próprias armas e uma delas é a Sociedade Alternativa, da qual nunca abri mão. Sou palhaço, ótimo. É bom que me vejam assim pois terei condições de articular minhas coisas. Me confesso seriamente engajado numa cruzada pela implantação da Sociedade Alternativa, uma revolução cultural em andamento. Tenho um compromisso e não posso voltar atrás. Recebo cartas e mais cartas toda semana, gente querendo aderir ao meu projeto. Mas quero avisar que a Sociedade Alternativa não é um clube ou um partido, é uma ideia. A carteirinha do clube é você mesmo. É a sua cabeça. (Seixas, 1996:30):

A *Sociedade Alternativa* é uma filosofia de vida livre dos sistemas de poder, hierarquias e domínios, onde cada indivíduo é livre para agir tomando sua própria vontade como lei, sem jamais impor sua vontade sobre outrem, somente subjugar é proibido, seu principal preceito é: “Faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei”. Frase de Aleister Crowley, que Raul incorporou.

Raul expressou este conceito na música “Novo Aeon”: “Sociedade Alternativa, sociedade Novo Aeon/ É um sapato em cada pé/ Direito de ser ateu ou de ter fé/ Ter prato entupido de comida que cê mais gosta/ Ser carregado ou carregar gente nas costas/ Direito de ter riso e de prazer...” Sua instalação física jamais aconteceu. “A Sociedade Alternativa não é algo que depende de pessoas, reuniões. É só uma maneira de ver o mundo” (Seixas, 1996:35).

Para terminar, sugerimos que a produção cultural de Raul Seixas deve ser pensada a partir de duas perspectivas: uma, que considere o projeto particular de cada disco; e, outra, que encare a produção e a relação entre todos os seus projetos como fenômeno de comunicação. As temáticas de cada disco, as performances criadas para e a partir de cada um deles, as letras das canções, as imbricações rítmicas, e todo o universo imagético, tanto dos discos como dos palcos. Outro fator mediático que não devemos esquecer, como procuramos mostrar, é a criação dos vários personagens, que ajudaram na recepção dos produtos culturais, fazendo a mediação entre canções e discos com o público. O projeto gráfico dos discos, os figurinos de palco, os videoclipes, os shows em espaços públicos, as aparições na televisão, tudo isso traduz um processo criativo que coloca Raul como um fenômeno de comunicação e de cultura.

CIBELE SIMÕES FERREIRA KERR JORGE é
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUCSP e membro do
Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e
Mestiçagem – PUCSP/CNPq.
Email: cibelepiti@uol.com.br

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média*. Brasília: Hucitec. 2008.

ESSINGER, Silvio; Seixas, Kika. *O Baú de Raul Revirado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

- LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera I. Semiótica de La Cultura y Del Texto*. Desiderio Navarro. Ediciones Cátedra, 1996.
- PASSOS, Sylvio; BUDA, Toninho. *Raul Seixas Uma Antologia*. 8. ed. São Paulo: Martin Claret, 1992.
- PAZ, Octavio. *Convergências. Ensaio sobre Arte e Literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- PINHEIRO, Amálio (org.) *O Meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores LTDA, 2009.
- PROUDHON, Pierre Joseph. *A Propriedade e um Roubo e Outros Escritos Anarquista*. Porto Alegre: L& PM, 1998. (Coleção L&PM Pocket, v. 84).
- SARDUY, Severo. *Barroco*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1974.
- SEIXAS, Raul. *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*. Rio de Janeiro: Shogun Editora E Arte, 1983.
- SEIXAS, Raul. *O Baú do Raul*. 21. Ed. São Paulo: Globo, 1993.
- SEIXAS, Raul. *Raul Seixas Por Ele Mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1993.
- KRISHNA. *Bhagavad Gita*. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de Cada Autor).
- STIRNER, Max. *O Único e a sua Propriedade*. São Paulo: Martins Editora Livraria LTDA, 2009.